

A HISTÓRIA ORAL DE PROFESSORAS PRIMÁRIAS (1930-1950) <sup>1</sup>*The oral history of primary teachers (1930-1950)*Rosa Maria de Sousa Martins <sup>2</sup>Sonia Maria dos Santos <sup>3</sup>

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar como as professoras primárias que atuaram no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, do município de Uberlândia-MG, no período de 1930 a 1950, apropriaram-se dos ideais republicanos de civilizar, moralizar e higienizar, buscando a civilidade, a ordem e o progresso. Utilizou-se a história oral como um recurso metodológico de natureza historiográfica, aplicado para se estudar a vida de pessoas, grupos ou comunidades. Nesse sentido, valeu-se de fontes primárias do grupo escolar, encontradas no arquivo público do município, de bibliografia sobre o tema e entrevistaram-se quatro professoras que atuaram na época. Após analisar, relacionar e confrontar as entrevistas com os documentos e com a bibliografia compreendeu-se que as professoras, mediante as suas experiências de vida pessoal, familiar e profissional foram constituindo-se como professoras republicanas. Tomaram para si os princípios e os valores republicanos, produzindo assim um modo de ser, pensar, sentir e agir próprios. Tais resultados revelaram a necessidade de uma formação que amplie a capacidade do professor de pensar, de argumentar e inserir-se nos processos educacionais, sociais, políticos e econômicos.

**Palavras - chave:** Professoras primárias, história oral, ideal republicano.

## ABSTRACT

The objective of this inquiry is to investigate like the primary teachers who acted in the School Group Júlio Bueno Brandão of the city of Uberlândia-MG, in the period from 1930 to 1950, whom they appropriated of the republican ideals of civilizing, moralizing and higienizar, looking so for the civility, the order and the progress. The oral history made use like a resource metodológico of nature historiográfica used in order that been studied the life of persons, groups or communities. In this sense, there were interviewed four teachers who acted in the time. So much made use of primary considered fountains of the school group and in the public archive of the city and of bibliography on the subject. After to analyse, to make a list and to confront the interviews, with the documents and with the bibliography it was understood what the teachers, by means of his experiences of personal, familiar and professional life were setting herself up as like republican teachers who took for you the beginnings and the republican values, producing so a way of being, thinking, feeling acting own. These results revealed the necessity of a formation that enlarges the capacity of the teacher of thinking, of arguing and were inserted education, social, political and economical processes.

**Key-words:** Primary teachers. oral history. republican ideal.

<sup>1</sup> Este artigo é parte da Dissertação de Mestrado que foi apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Maria dos Santos.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: soe@ufu.br

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: soniam@ufu.br.

Ao escrever sobre a história da educação brasileira, considerando as suas especificidades regionais e as suas singularidades na perspectiva da totalidade, abrem-se possibilidades de estabelecer vínculos e análises da história da cultura escolar<sup>4</sup>, o que permite esclarecer e delimitar a nossa proposta no sentido de entender e compreender como as professoras do ensino primário do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão se apropriaram dos ideais republicanos no período de 1930 a 1950, a partir de suas narrativas, procurando identificar, “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada...” (CHARTIER, 1990, p. 17). Os ideais republicanos aqui entendidos como o de formar o povo brasileiro dentro dos princípios de civilizar, moralizar e higienizar, buscando a civilidade, a ordem e o progresso.

O objetivo foi compreender o modo como as professoras primárias tomaram para si e vivenciaram esses ideais a partir da história oral, como um recurso metodológico, de natureza historiográfica, utilizado na história contemporânea para se estudar a vida de pessoas, grupos ou comunidades. Nesse sentido, as professoras foram entrevistadas, procurando elucidar a realidade vivida por elas no período proposto.

As entrevistas foram desenvolvidas a partir de uma perspectiva qualitativa, que “tem sempre o propósito de converter-se em um diálogo, em cujo curso as informações aparecem na complexa trama em que o sujeito as experimenta em seu mundo real.” (GONZALEZ REY, 2002, p.89). Assim se transformaram em importante fonte, no sentido de compreender as apropriações das professoras no que se refere aos ideais republicanos. A noção de apropriação, aqui concorda com a definição trazida por Chartier :

[...] é a maneira contrastante como os grupos ou os indivíduos fazem uso dos motivos ou das formas que partilham com os outros. [...] As práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e de normas (1990, p.136).

Para trilhar esse caminho optou-se por entrevistar quatro professoras que atuaram no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão do município de Uberlândia-MG, no período de 1930-1950, por ter sido o primeiro grupo escolar da cidade, criado pelo Decreto de 20 de Julho de 1911 e instalado em 1º de fevereiro de 1915, para atender a proposta de disseminar os ideais republicanos na cidade (GATTI JUNIOR & CARVALHO, 1998, p.10). Este estudo, dentro das especificidades locais, vai contribuir para ampliar a compreensão dos processos educacionais do município de Uberlândia-MG, estabelecer conexões com a história regional e nacional e conferir visibilidade sobre a formação e as práticas das professoras primárias nesse período.

De acordo com Magalhães (2005), o historiador, ao analisar o presente e o passado, observando suas implicações em toda a sua complexidade e origem, procura conhecer e

---

<sup>4</sup> A organização escolar produz e expressa uma cultura escolar que pode ser entendida como conjunto de normas e práticas produzidas historicamente por sujeitos e/ ou grupos determinados com finalidades específicas, que estão relacionadas à definição dos saberes a serem ensinados, das condutas a serem modificadas e de todo um processo, não só de transmissão, mas de modificação de hábitos. Uma cultura escolar muitas vezes revela práticas cotidianas e singularidades diferentes das prescritas e previstas pelas orientações e normas legais que buscam controlar as atividades escolares de sujeitos que ao se apropriarem destas, têm a possibilidade de recriá-las e modificá-las em suas práticas cotidianas (JULIA, 2001).

explicar os complexos fenômenos educativos para construir a história. Para ele, a história da educação é um discurso sobre o passado da educação em todas as suas dimensões, mas também se apresenta como memória e paradigma, pois preserva, organiza, comunica e guarda recordações e representações verbais que podem ser orais e escritas, emocionais, objetivas e fisiológicas.

Nessa perspectiva, Carvalho, Araújo e Neto (2002) ressaltam a importância de recuperar e preencher as lacunas a respeito da história da educação brasileira e afirmaram também, que há uma carência muito grande de publicações específicas sobre o problema da educação na região do Triângulo Mineiro. Nesse sentido, com esta pesquisa pretendeu-se contribuir tanto para o debate, para as reflexões, para as compreensões sobre essa realidade, como para a construção e reconstrução histórico-educacional e cultural de nossa região.

Quanto ao recorte temporal, definiu-se pelo período de 1930 a 1950 por duas razões. Uma, histórica quando os ideais republicanos foram vividos de forma mais evidente não só em todo o país, mas também no município de Uberlândia-MG e, mais especificamente, no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, conforme indícios encontrados nos documentos pesquisados, como as Atas de reuniões de professoras do período de 1933 a 1948, a outra razão foi a possibilidade de entrevistar e analisar as narrativas das quatro professoras que atuaram neste estabelecimento neste mesmo período.

Além destes aspectos já apontados, pode-se considerar também que este período foi marcado por profundas transformações, em todos os setores da vida nacional, inclusive no campo educacional. Por exemplo, a questão do analfabetismo foi motivo de muitas discussões. Ghiraldelli Jr (2001) informou que nessa década a população era constituída de 75% de analfabetos. Essa realidade provocou uma reação nos intelectuais ligados à sociedade política da época e fez surgir os movimentos *entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico*. Pelo entusiasmo, “existe a crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, da disseminação da educação escolar, será possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional, e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo” (NAGLE, 2001, p.134). E por otimismo, Nagle compreende “a crença de que determinadas formulações doutrinárias sobre a escolarização indicam o caminho para a verdadeira formação do novo homem brasileiro - escolanovismo” (2001, p.134).

Nessa direção, também sob a influência norte-americana, nasceu o ideário pedagógico do Movimento da Escola Nova. Os princípios dessa escola caracterizaram as transformações ocorridas na história das ideias pedagógicas e das instituições escolares, fizeram parte do sonho de formar e instruir o cidadão brasileiro e de colocá-lo a serviço da Pátria, para transformá-la em uma grande e civilizada Nação. Retomando-se assim, de forma mais evidente, os ideais republicanos. O propósito era construir um novo Brasil e para isso precisava contar com a ajuda das professoras, o que pode ser confirmado no discurso do Presidente da República Getúlio Vargas em 1937, na solenidade comemorativa do 1º Centenário da fundação do Colégio Pedro II, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Falando aos mestres, numa hora como esta, de comunhão patriótica, falo aos responsáveis pela saúde espiritual da nossa mocidade. A palavra do professor não transmite apenas conhecimentos e noções do mundo exterior. Atua igualmente pelas sugestões emotivas, inspiradas nos mais elevados sentimentos do coração humano. Desperta nas almas

No que se refere ao período de 1937 a 1945, este foi fortemente patenteado por uma ditadura sem congresso, sem eleições, sem partidos legais. Cada vez mais o Estado se configurava como um Estado forte, mesmo que ainda dependente, para atender aos interesses do capitalismo (GHIRALDELLI JR, 2001). Isso nos deu uma idéia de que foi um governo exercido pela força, pois não havia uma base social e econômica sólida.<sup>6</sup>

Nessa perspectiva estabeleceu-se, também uma política educacional com ideias de nacionalismo, moral e civismo, culto à Pátria e às tradições. A concepção de educação no Estado Novo configurou-se de maneira evidente por uma concepção doutrinária de caráter autoritário. Conforme observamos no discurso do Ministro de Educação e Saúde, Gustavo Capanema, em comemoração ao centenário do Colégio Pedro II, em dezembro de 1937.<sup>7</sup> Nesse discurso, o Ministro apresentou uma educação comprometida. Segundo esse governo ao ensino primário competia:

[...] despertar e acentuar na criança as qualidades e aptidões de ordem física, intelectual e moral, que a tornem rica de personalidade e ao mesmo tempo dotada de disciplina e eficiência, estes dois atributos essenciais do cidadão e do trabalhador (CAPANEMA, 1937, p.27).

E para realizar essa importante missão, as professoras primárias “... pequenos e obscuros heróis do cotidiano” (VARGAS, 1943, p. 186) foram convocadas.

O cenário educacional nacional e regional incidiu também sobre o contexto local, em especial no período do Estado Novo, com as suas idéias de ordem, progresso, civismo e disciplina. Assim o processo de escolarização no município de Uberlândia não foi muito diferente do que estava acontecendo no país. Coincidiu com o processo de organização política, econômica e cultural e com os movimentos que estavam ocorrendo em Minas Gerais e no Brasil.

Em Minas Gerais, por exemplo, desde o início da República, refletiu-se uma crise republicana que para Faria Filho e Vago (2000) foi provocada por um momento de dúvidas e incertezas que conduziu a uma instabilidade econômica, política e social. Tal situação se evidenciou pela dificuldade dos republicanos em transformar os súditos em cidadãos e trabalhadores para o mercado capitalista. Provavelmente, não houve um sentimento de pertencimento a um Estado e a uma Nação, por parte dos súditos. Diante dessa realidade, os republicanos entenderam que a solução seria investir na escola. Civilizar para sair da crise social, econômica e política e construir uma República.

---

jovens o impulso heróico e a chama dos entusiasmos criadores. Concito-vos, por isso, a utilizá-la no puro e exemplar sentido do apostolado cívico infundindo o amor à terra, o respeito às tradições e a crença inabalável nos grandes destinos do Brasil (VARGAS, 1937, p. 11 e 12).

<sup>6</sup> Um governo que não tem base em uma classe social econômica, que domine os meios de produção, só pode governar pela força, [...]1937 foi um período de transição no processo histórico em que, derrubada a aristocracia rural do café, não havia ainda uma classe ou grupo de classe suficientemente forte para substituí-la (BASBAUM, 1976, p.151).

<sup>7</sup> A educação, no Brasil, tem que colocar-se agora decisivamente a serviço da Nação. [...] A educação atuará, pois, não no sentido de preparar o homem para uma ação qualquer na sociedade, mas precisamente no sentido de prepará-lo para uma ação necessária e definida, de modo que ele entre a constituir uma unidade moral, política e econômica, que integre e engrandeça a Nação (CAPANEMA, 1937, p.21-22).

Nesse sentido, a reforma mineira de educação, mobilizada pelos primeiros governos republicanos representou, segundo Souza, “um profundo significado político, social e cultural [que pretendeu a] implantação de uma educação comprometida com os ideais republicanos” (1998, p. 34). A escola tornou-se o lugar de difusão do saber racionalizado. Os programas tiveram, como propósito, introduzir novos comportamentos, imputar novas sensibilidades e transformar corpos. Instruir e educar teria como meta regenerar a sociedade, com uma atenção especial voltada para as crianças pobres para habituá-las a viverem em sociedade, porque deveriam se transformar em cidadãos.

As proposições estavam intimamente conectadas à visão de uma “escola produzida como a instituição capaz não apenas de instruir e educar a infância e a juventude, mas de produzir um país ordeiro, progressista e civilizado” (FARIA FILHO, 2002, p.24). E os professores seriam os protagonistas na construção desse ideal, também conectado às ações que iriam controlar os hábitos, os costumes, a moral, as práticas e os comportamentos, ou melhor, dizendo o cotidiano dos munícipes.

Nessa direção, iniciou-se o trabalho de pesquisa a partir das fontes primárias encontradas no Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão no município de Uberlândia-MG<sup>8</sup> e no Arquivo Público Municipal<sup>9</sup>, de documentos legais e de referências bibliográficas. A partir desses documentos, foi possível localizar as quatro professoras que se dispuseram a participar da pesquisa e elaborar o roteiro de entrevista, assim construído:

1-DADOS PESSOAIS E FAMILIARES: Fale um pouco sobre a sua infância e a sua família. Quando e onde nasceu?

2-FORMAÇÃO ACADÊMICA: O que você se lembra do período de sua formação como professora? Onde você estudou? Quais foram as disciplinas mais importantes que você estudou? Como as aulas aconteciam? O que você mais lia, na época?

3-DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL: Como aconteceu a sua decisão de ser professora primária? Onde e em que período trabalhou? Como planejava e preparava as suas aulas? Como dava as aulas?

<sup>8</sup> Atas de reuniões de professoras do período de 1933 a 1948, com assinaturas das professoras que atuaram nesse período. Essas atas tratavam de assuntos referentes a orientações, informações e normas de como as professoras deveriam atuar em sala de aula; Atas de exames e promoções de alunos; Atas de comemorações cívicas realizadas na escola e Termos de posse de algumas professoras. Todos referentes à época em questão.

<sup>9</sup> Fotos da época, em questão, do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, de professoras e de alunos. Essas fotos foram escaneadas em um CD e disponibilizadas para esta pesquisa; um boletim de publicações do Ministério de Educação e Saúde com o título: Panorama da Educação Nacional de 1937, nele estão contidos dois discursos, um do Presidente Getúlio Vargas e outro do Ministro Gustavo Capanema realizados por ocasião da Solenidade do Centenário da Fundação do Colégio D. Pedro II. Esses discursos são interessantes, porque neles o Presidente e o Ministro fazem apelos aos professores no que se refere à educação nacional; o Código do Ensino Primário de 1950. A partir desse documento foi possível identificar os decretos-leis, leis e regulamentos de ensino primário do Estado de Minas Gerais, publicados entre 1927 a 1950, e assim pudemos fazer o pedido via e-mail à biblioteca da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais do Decreto Nº 7.970-A de 15 de outubro de 1927, que Aprovou o Regulamento do Ensino Primário e entrou em vigor em 1º de janeiro de 1928. Esse decreto foi assinado pelo Presidente do Estado de Minas Gerai, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e pelo Secretário de Estado do Interior, Francisco Luiz da Silva Campos. Tivemos também acesso ao Decreto Nº 8094 – de 22 dezembro de 1927, que Aprovou o Programa do Ensino primário e, também, entrou em vigor em 1º de janeiro de 1928. Esse decreto está em conformidade com o Decreto 7.970-A de 15/10/1927 e foi assinado pelo Presidente do Estado de Minas Gerais, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada. E pelo Secretário de Estado do Interior, Francisco Luiz da Silva.

4-RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS, ORIENTAÇÕES E RELACIONAMENTO: De quem você recebia as orientações para dar as aulas? Que orientações eram passadas? Como era o seu relacionamento com os alunos e as colegas professoras?

5-COMEMORAÇÕES, ATIVIDADES CÍVICAS: Havia comemorações cívicas na escola? Que significava para você, estas atividades cívicas? O que você ensinava? Como? Por quê?

6-ATIVIDADES DE SAÚDE E HIGIENE: Como eram passadas para os alunos os cuidados com a higiene? Qual a importância desses cuidados para a saúde? Havia pelotões de saúde na escola?

7-ORDEM E DISCIPLINA: Que importância você dava para a disciplina e a ordem na educação dos alunos? Para você o que é uma classe disciplinada? Como mantinha a disciplina na sala?

8-FORMAÇÃO MORAL: O que você considerava importante ensinar para os alunos sobre a formação moral? Recorda de algum valor moral importante que você ensinava? Recorda de algum provérbio que ensinava para os alunos?

9-OBRIGAÇÕES ESCOLARES: Para você, quais eram as suas responsabilidades e os direitos, como professora? Os alunos tinham obrigações escolares?

10-POLÍTICA: Qual a sua impressão sobre a política na época?

11-O SIGNIFICADO DA EDUCAÇÃO, DA ESCOLA E DO PROFESSOR: Para você qual o significado da educação, da escola e do professor, na época? E hoje? Que recordações você guarda dessa profissão?

Após a elaboração deste roteiro e os primeiros contatos com as professoras marcou-se as entrevistas. Nos primeiros contatos procurou-se elaborar o “cenário de pesquisa”, que para Gonzalez Rey é “a apresentação da pesquisa por meio da criação de um clima de comunicação e de participação que facilita o envolvimento por parte das pessoas.” (2005, p.84). O objeto da pesquisa entendido como “um sujeito interativo, motivado e intencional” (GONZALEZ REY, 2002, p.53).

As entrevistas foram gravadas com a autorização das entrevistadas, a partir do Termo de Consentimento livre e esclarecido, foi preenchido e assinado pelas professoras. Estas entrevistas depois foram transcritas. Após a transcrição retornou-se às entrevistadas para a leitura de suas narrativas. Durante a leitura as professoras fizeram algumas modificações em seus depoimentos e autorizaram a sua utilização na pesquisa, mediante o documento denominado Carta de Sessão, que concede os direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral corrigido. As suas narrativas foram analisadas de acordo com os objetivos da pesquisa e com o apoio de aspectos teóricos referentes à temática.

A opção pela História Oral como uma metodologia aconteceu por se tratar de um recurso que produz depoimentos de uma forma mais ou menos controlada sobre determinadas temáticas. Observou-se que esta metodologia explora as relações entre memória e história, coloca em evidência a construção dos sujeitos que se tornam atores de sua própria identidade e reconhece que o passado é construído segundo as necessidades do presente, chamando a atenção para os usos políticos do passado.

Portanto, consente-se com os autores a seguir que esta metodologia “possibilita narrar o passado a partir do olhar do presente, incorporando experiências do narrador, do seu próprio agir cotidiano” (SANTOS; ARAUJO, 2007, p.199), além de permitir o estudo da vida e do cotidiano de pessoas comuns. Uma vez que, “A História Oral pretende ser um campo multidisciplinar onde, independentemente das várias tradições disciplinares, diferentes linhas de trabalho tenham um território para o diálogo sobre maneiras da abordagem das entrevistas e campo de troca de experiências” (MEIHY, 1996, p.26).

Esta é uma nova possibilidade de pesquisa que surgiu a partir da Nova História Cultural. Nessa perspectiva, a História Oral cresceu onde prevalecia a história política, operária, local e a história dos grandes vultos. Assim como afirmou Thompson, a evidência oral ao transformar os “objetos” de estudo em “sujeitos” contribui para uma história mais rica, mais viva, mais comovente e mais verdadeira (2002, p.137).

De acordo com Meihy (1996), a história oral é constituída de três modalidades: a história oral de vida, a história oral temática e a tradição oral. Essas formas têm como princípio as narrativas orais. A história oral de vida é mais subjetiva e a experiência de vida é narrada pela própria pessoa. A história oral temática preocupa-se com temas específicos e preestabelecidos. Busca evidenciar um acontecimento pela narrativa de quem o presenciou ou viveu. Quanto à tradição oral, suas referências estão ligadas ao passado. Diz respeito à visão de mundo das comunidades e as permanências dos mitos.

A história oral tem como base as memórias. Nessa direção, as narrativas das professoras se apoiaram em suas próprias memórias, as quais foram consideradas um recurso valioso para constituir a história de seu cotidiano e fizeram parte de um processo dinâmico em que buscaram os significados que iriam reestruturar os elementos lembrados no sentido de reordená-los, conservá-los ou excluí-los, pois a memória alimenta-se de lembranças, às vezes vagas ou até mesmo contraditórias, o que a torna ainda mais rica. Para Nora:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos, em permanente evolução, aberta à dialética lembrança/esquecimento [...] um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...] enquanto a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais, uma representação do passado, operação intelectual que sempre busca análise e o discurso crítico (1993, p.9).

Nesse sentido, as memórias são experiências, fontes, matérias primas da história e têm como tarefa reconstruir o passado, criar e recriar o já vivido, arrastar os sonhos que continuam exigindo um tempo de realização, mas também, são experiências que se vivenciam no interno e permitem relacionar o presente com o passado.

Assim, as narrativas das professoras primárias possibilitaram reconstruir o passado, preencheram os espaços deixados pela documentação escrita e permitiram compreender como se apropriaram das questões defendidas pelo ideário republicano, na época, de formar o povo brasileiro dentro dos ideais de civilizar, moralizar e higienizar, buscando a civilidade, a ordem e o progresso. E o historiador, como um artista que vai lapidando o diamante, deve fazer um trabalho de reconstrução das lembranças, no que lhe for possível, a partir do discurso atual dos acontecimentos passados. Tendo em vista que “a lembrança

é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia” (BOSI, 1987, p. 39).

Portanto, após analisar, relacionar e confrontar as entrevistas das professoras com os documentos e a bibliografia, procurando identificar as questões relacionadas ao civismo, a moral, a disciplina, a higiene, a saúde e o significado de educação, de escola e de professor apresentadas pelas professoras entrevistadas, compreendeu-se que as professoras primárias do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, ao longo de suas vidas, foram se constituindo como pessoas e como professoras republicanas, na medida em que se formaram, mediante suas experiências de vida pessoal, familiar e profissional, tomando para si os princípios e os valores defendidos pelos ideais republicanos, os quais produziram um modo de ser, pensar, sentir e agir próprios.

A Escola Normal constituiu-se como o lugar de formação profissional, onde as professoras receberam as orientações relacionadas aos novos métodos de ensino e ao desenvolvimento de um sentimento de amor à pátria, de nacionalidade e de condutas disciplinadoras para se tornarem fiéis colaboradoras na consolidação do Estado republicano.

Para as professoras cumprirem a missão proposta de instruir e educar no sentido de civilizar, moralizar e higienizar e para despertar e desenvolver não só em si, mas também em seus alunos, os pensamentos e os sentimentos republicanos, foram constituídos os grupos escolares como o lugar de educação republicana.

Os grupos escolares instituídos no Brasil e em Minas Gerais resultaram do fortalecimento do pensamento republicano na educação escolar e representaram a ruptura de um modelo educacional oferecido pelo império brasileiro; a implantação de uma nova modalidade escolar; a esperança e a confiança em um futuro melhor, mediante a transformação da sociedade a partir da formação do indivíduo, por meio de uma nova escola. Assim sendo, para Nóbrega, os grupos escolares

[...] podem ser entendidos, de maneira geral, como as primeiras escolas públicas primárias que no Brasil utilizaram-se de uma forma de organização administrativa, programática, metodológica e espacial baseada nas concepções educacionais de tipo “moderno” – já em uso em algumas escolas particulares à época, como a Escola Americana de São Paulo-, fundadas num ideal de racionalização, pode-se dizer numa economia escolar dominante na Europa e nos EUA na segunda metade do século XIX e início do século XX (2003, p. 253).

Nesse sentido, os grupos escolares se converteram em símbolo e funcionaram como divulgadores dos valores republicanos. Ultrapassaram o limite do espaço escolar e provocaram mudanças no pensar, no sentir e no agir para civilizar, moralizar e higienizar.

Desse modo, os grupos escolares se tornaram os irradiadores dos ideais republicanos. Como declarou Sousa:

A escola primária republicana instaurou ritos, espetáculos, celebrações. Em nenhuma outra época, a escola primária, no Brasil, mostrara-se tão francamente como expressão de um regime político. De fato ela passou a celebrar a liturgia política da

República; além de divulgar a ação republicana, corporificou os símbolos, os valores e a pedagogia moral e cívica que lhe eram próprios [...] (1998, p. 241).

A participação dos grupos escolares no projeto de consolidação dos ideais republicanos, que ora se efetivava foi notável, pois eles se transformaram em “templos de espetáculos e ritos” (SOUZA, 1998, p. 241) e contou com o apoio das professoras primárias entrevistadas por nós. Confirmamos isso em seus depoimentos, quando atuaram no grupo Escolar Júlio Bueno Brandão.

Nessa perspectiva, as professoras entrevistadas, Freitas (2008)<sup>10</sup>, Pereira (2008)<sup>11</sup>, Carrijo (2008)<sup>12</sup> e Antonialli (2008)<sup>13</sup>, revelaram, a partir de suas narrativas, aspectos interessantes referentes à maneira que pensaram, sentiram e agiram como professoras republicanas.

A professora Freitas parece ter assumido bem o seu papel de defender o ideal republicano, pois podemos confirmar isso em seu depoimento:

A minha primeira obrigação como professora era a de conhecer o que eu ia ensinar. Eu tomava conhecimento do programa e não dava, de espécie alguma, motivo para descumprimento de horários. Eu participava de todos os eventos. [...]. O professor era uma hombridade, era muito respeitado na sociedade. Ele tinha um papel muito importante, tinha que dar o exemplo, por ser uma autoridade podia também ser procurado para dar instruções e conhecimentos. [...] Eu acho que a professora é uma necessidade no país. Ela tem que ser valorizada ao extremo porque vai formar o cidadão da pátria. Ela é uma autoridade, porque vai dar o que o aluno precisa para depois defender a sua Pátria e formar o espírito de tranqüilidade (FREITAS, 2008).

Assim as professoras atuaram sobre os corpos e as mentes das crianças, estimulando-as na prática de novas normas de civilidade e de moralidade para formar o cidadão:

[...] Eu gostava de passar para os alunos o provérbio: “A ordem é a beleza moral das coisas” de Emerson. Eu tinha esse provérbio no meu caderno de planos. Para mim, a base de muitas coisas é a ordem. Por exemplo: uma casa desordenada desorganiza a mente. Então a ordem ajuda na organização da mente, contribui para a economia na vida. [...] Eu ensinava também sobre o respeito às pessoas mais velhas, sobre os bons costumes e os bons hábitos. Eu insistia nos bons costumes e nos bons hábitos (PEREIRA, 2008).

A professora Carrijo (2008) também considerou importante ensinar para os alunos sobre a formação moral e enunciou que a moral era uma maneira de ser, correto e estava

<sup>10</sup> FREITAS, Florepsina Soares de. Entrevista concedida a Rosa Maria de Sousa Martins, Uberlândia/MG 02/09/2008. transcrita e digitada, 2008.

<sup>11</sup> PEREIRA, Edith Costa. Entrevista concedida a Rosa Maria de Sousa Martins de Uberlândia/MG 22/09/2008. transcrita e digitada, 2008.

<sup>12</sup> CARRIJO, Ivete. Entrevista concedida a Rosa Maria de Sousa Martins. Uberlândia/MG 29/09/2008. transcrita e digitada, 2008.

<sup>13</sup> ANTONIALLI, Laurita Pacheco. Entrevista concedida a Rosa Maria de Sousa Martins. Uberlândia/MG, 23/10/2008. transcrita e digitada, 2008.

relacionada ao equilíbrio, ao modo de viver e ao respeito independente de cor, do sexo e da condição social.

Observou-se, nas professoras, uma postura de atuar firme no sentido de higienizar os corpos, pois um corpo saudável sinalizava uma mente saudável e as teorias eugenistas na época, valorizavam a concepção de que a nação seria forte se o povo fosse sadio e forte. Aspecto que foi trabalhado principalmente, em relação às crianças mais pobres,

Eu ensinava lavar as mãos antes de tomar o lanche que era servido todos os dias, cuidar do cabelo, sobre o banho e como as crianças deveriam fazer para tossir e espirrar. [...] A gente passava para as crianças o dia-a-dia. Falava para lavar as mãos em casa e mostrar para mãe. [...] A saúde só existe onde existe a limpeza, onde não tem higiene não tem saúde (ANTONIALLI, 2008).

É interessante observar como as professoras entrevistadas assimilaram essas orientações. Mais do que ensinar a ler, a escrever e a contar, mais do que instruir, as professoras educaram os seus alunos e, por meio deles, seus pais, observando os padrões de civilidade, de moralidade e de higiene. Assim se apropriaram dos ideais republicanos de civilizar, moralizar e higienizar e colocando-os em prática. Os resultados desta pesquisa revelaram a importância de refletir sobre a função da escola na construção de conhecimentos que conduzam os professores a atuarem com maior clareza em torno de si mesmos, de seus alunos e da sociedade. Nessa direção, percebeu-se que ser professor requer uma formação profissional que seja integral, com conteúdos e reflexões significativas sobre a própria realidade, no sentido de ampliar a sua capacidade de pensar, de sentir, de argumentar, de julgar e de poder fazer escolhas que propiciem uma inserção mais consciente diante dos problemas e dos processos educacionais, sociais, políticos e econômicos.

### Referências

- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Ed. T. A. Queiroz, 1987.
- CAPANEMA, G. Discurso do Ministro Gustavo Capanema. In: **Panorama da Educação Nacional** (Discursos do Presidente Getúlio Vargas e do Ministro Gustavo Capanema - 02/12/1937). Rio de Janeiro: Serviços Gráficos do Ministério da Educação e Saúde - Boletim Realizações 1, 1937. 47p.
- CARVALHO, C. H.; ARAÚJO, J. C. S.; NETO, W. G. **Discutindo a História da Educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 1930-1950)**. In: ARAUJO, J. C. S. & GATTI JUNIOR, D. (Orgs.). *Novos Temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: Edufu, 2002. p. 67-89.
- CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FARIA FILHO, L. M. de. *Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa*. In LOPES, A. & MACEDO, E. (orgs.) *Disciplinas e Integração Curricular: História e Políticas*. Rio de Janeiro, DP & A, 2002.

FARIA FILHO, L. M. de; VAGO, T. M. A Reforma João Pinheiro e a Modernidade pedagógica. In: **Lições de Minas: 70 anos da Secretaria de Educação**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, Set/2000. p. 33-47.

GATTI JÚNIOR, D. & CARVALHO, L. B. O. B. A história das instituições educacionais na República Velha: um estudo de caso do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão (Uberlândia 1911-1930) **Boletim Informativo Especial do CDHIS**, nº22, ano 11, 1º semestre de 1998.

GHIRALDELLI JR., P. **História da Educação**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GONZALEZ REY, F. L. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira. Thomson Learning, 2002.

JULIA, D. **A Cultura escolar como Objeto Histórico**. *Revista Brasileira de história da Educação*, número 1, jan/jun 2001, p. 9-43.

MAGALHÃES J. A história das instituições educacionais. In: GATTI JÚNIOR, D. & INÁCIO FILHO, G. (Orgs.) **História da Educação em Perspectiva – ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 97-101.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

NAGLE, J. **Educação e Sociedade na Primeira República**, 2ª Ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NÓBREGA, P. de. Grupos escolares: Modernização do ensino e poder oligárquico. In: DALLABRIDA, N. **Mosaico de escolas: Modos de educação em Santa Catarina na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003. p. 253-280.

NORA, P. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. São Paulo: PUC-SP, 10, 1993.

SANTOS, S. M. & ARAUJO, R. O. História Oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**, n.6, p. 191- 201. jan/dez, 2007.

SOUZA, R. F de. **Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

THOMPSON, P. **A voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VARGAS, G. Discurso do Presidente Getúlio Vargas. In: **Panorama da Educação Nacional** (Discursos do Presidente Getúlio Vargas e do Ministro Gustavo Capanema - 02/12/1937). Rio de Janeiro: Serviços Gráficos do Ministério da Educação e Saúde - Boletim Realizações 1, 1937. 47p.

\_\_\_\_\_. A escola e a ação dos professores. (Discurso pronunciado no Instituto de Educação, por ocasião da formatura das novas professoras do Distrito Federal, a 18 de dezembro de 1938). In: **A Nova política do Brasil**, V. X, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1943, p. 186.